

As muitas faces (ou fases) das personagens negras em telenovelas brasileiras

Danubia ANDRADE, mestranda do PPGCOM UFJF/MG

Resumo:

Examinaremos a participação de atrizes e atores negros em telenovelas brasileiras tomando como pressuposto metodológico os paradigmas de Solange Couceiro. Desta forma, num primeiro momento, analisaremos as personagens negras em tramas histórico-escravocratas: a natureza de suas construções dramáticas e a visão histórica contida nos enredos destas teleficções. Em seguida, focaremos a incidência de negros em papéis sociais subservientes e marginais, interpretando domésticas, motoristas, favelados, bandidos, entre outros tipos. Por fim, apresentaremos a análise da discussão do racismo em telenovelas que se passam em fase pós-escravocrata. Quais sentidos podemos depreender das representações sociais desenhadas para os negros diariamente pela ficção seriada? Como algumas personagens podem ser fundamentais para a tessitura de um novo tempo nas representações teleficcioneis de grupos étnicos? E ainda, em que direções caminham as discussões do racismo na telenovela brasileira?

Palavras-chave:

Telenovela - Representação - Negritude

Ao analisarmos a trajetória dos atores e atrizes negros na telenovela brasileira, verificamos que sua participação foi constante desde a implantação da ficção seriada no País, há mais de 45 anos. Entretanto, como afirma Solange Couceiro (1983), o aproveitamento do ator negro na teledramaturgia brasileira está condicionado a três situações bem definidas. Seja em trama que se desenrole em cenário histórico-escravocrata, na qual há uma demanda de atores negros para representar os escravos; seja vinculada a personagem pertencente a uma posição subalterna ou marginal da sociedade, interpretando a empregada doméstica, o trabalhador braçal, o mordomo, o favelado ou mesmo o bandido; seja, enfim, em escala bastante reduzida, quando a história se desenrola em fase pós-escravocrata e inclui temas raciais ou deliberadamente se propõe a discuti-los.

Neste artigo, examinaremos a participação de atrizes e atores negros em telenovelas brasileiras tomando como pressuposto metodológico os paradigmas de Couceiro. Desta forma, num primeiro momento analisaremos as personagens negras em

tramas histórico-escravocratas, em seguida, focaremos a incidência de personagens negras em papéis sociais subservientes e marginais e, por fim, apresentaremos a análise da discussão do racismo em telenovelas que se passam em fase pós-escravocrata. Nosso estudo não pretende contemplar o universo de personagens ou enredos que envolveram tais temáticas, restringindo-se aos feitos mais significativos no nosso entendimento e no de outros pesquisadores do tema.

Os negros presos às senzalas nas telenovelas histórico-escravocratas

Em 1969, portanto nos primeiros anos de telenovela diária no Brasil, a Rede Globo colocava no ar trama que abordava a luta política, social e econômica entre escravos latifundiários no sul dos Estados Unidos, à época da Guerra de Secessão, focalizando a vida do escravo negro ‘Tomás’. “A cabana do Pai Tomás”¹ seria, desta forma, a primeira produção global a contar com protagonista negro. Entretanto, vale ressaltar, que ‘Tomás’ fora interpretado por um ator branco, o galã do momento Sérgio Cardoso, seguindo exigências do patrocinador Colgate-Palmolive (DICIONÁRIO TV GLOBO, 2003, p.19).

Para que Sérgio Cardoso pudesse convencer na pele de um escravo norte-americano era preciso tingir todo o seu corpo, usar peruca, rolhas no nariz e atrás dos lábios para aparentar uma pessoa negra de nariz largo e lábios fartos. Tal recurso, conhecido como *blackface*, foi amplamente utilizado no início do cinema norte-americano, porém, em terras brasileiras, o fato acabou desencadeando um movimento de protesto por parte de alguns artistas que não concordavam com a escalação de um branco para interpretar uma personagem negra. A novela, como muitas outras daquele período, trazia um texto distante da realidade social do País, não atingindo o sucesso esperado. Entrementes, o que se destacou em “A cabana do Pai Tomás” foi a dificuldade da televisão brasileira em criar personagens negras para grupos étnicos não-brancos.

Alijada a possibilidade de escalar atores brancos para interpretar personagens negras, coube às telenovelas histórico-escravocratas contabilizar o maior número de atores negros ao longo da trajetória da telenovela brasileira. Curiosamente, também

¹ “A cabana do Pai Tomás” foi exibida de 7 de Julho de 1969 a primeiro de março de 1970, às 19h, na Rede Globo.

foram essas as recordistas de venda no mercado internacional (MARQUES DE MELO, 1988). Vale destacar que a emergência do tema abolicionista deu-se na década de 1970, coincidindo, assim, com o crepúsculo da ditadura militar e com as primeiras manifestações de sindicatos e de estudantes contra prisões e assassinatos cometidos pelo regime. Nesse período, a Rede Globo, seguindo uma orientação estatal, valorizou as produções que transmitissem uma visão “bem-comportada” e “de qualidade”. Constituiu-se, então, a “novela literária”, cujo formato melhor se enquadra aos horários das 18 ou 19 horas. A escolha foi por tramas que trouxessem embutida a idéia de uma recuperação do passado, das raízes e da tradição e que, dessa maneira, resgatassem valores que constituíssem um senso de “brasilidade” (ORTIZ et al, 1989, p.97).

Ainda que as telenovelas histórico-escravocratas tenham condenado a escravidão, Joel Zito Araújo (2004, p.187) critica a forma como a teledramaturgia brasileira retratou a libertação dos escravos, pois, segundo ele, tal representação apenas confirmou a versão oficial que indica os brancos como líderes na luta pela liberdade dos negros. E o que é mais trágico, uma das únicas personagens afro-brasileiras que demonstrou consciência de sua época e orgulho de si mesma foi escrava ‘Isaura’, interpretada, em suas duas versões, por atrizes brancas.

“Escrava Isaura” foi exibida pela primeira vez na TV Globo, de 11 de outubro de 1976 a cinco de fevereiro de 1977, no horário das 18 horas. Novela de Gilberto Braga, baseada no romance homônimo de Bernardo Guimarães, escrito em 1875; trata-se do maior sucesso de exportação da Rede Globo, sendo vendida para 80 países até 2002 (DICIONÁRIO da TV Globo, p.72). A segunda versão foi exibida pela Rede Record de 18 de outubro de 2004 a 29 de abril de 2005, com o título de “A escrava Isaura”, no horário das 19:30 horas, texto de Tiago Santiago e Anamaria Nunes.

A ficção narra as desventuras de uma escrava lindíssima, ‘Isaura’, que desperta paixão num senhor branco, ‘Leôncio’. ‘Isaura’ foge de seu algoz, passa-se por branca em outro local, é desmascarada numa festa de gala e volta ao cativo de ‘Leôncio’. Contudo, seu amor, o jovem abolicionista ‘Álvaro’, estará lutando contra as adversidades que os separam (FERNANDES, 1997, p.203-4).

A escolha por Lucélia Santos, uma atriz branca, para interpretar a escrava ‘Isaura’ na primeira versão da trama, foi questionável conforme Joel Zito Araújo (2004, p.202-211). A opção de Bernardo Guimarães por descrever ‘Isaura’ como branca

corresponde a demandas da sociedade do século XIX, que não conseguiria associar uma mulata à inocência e à pureza necessárias à personagem, já que a mulata vinculava-se ao estigma da sedutora, lasciva e amoral. No entanto, em pleno século XX, a opção por uma atriz branca reflete a continuidade dos preconceitos e a falta de ousadia dos produtores e diretores de então. A mesma crítica pode ser feita em relação à escolha da atriz Bianca Rinald para ser a protagonista da Rede Record, em 2004.

Não se trata apenas de contestar a construção da personagem 'Isaura' com base na "cor" das atrizes que a interpretaram. O discurso da personagem, na defesa do fim da escravidão, reflete o tom humanitário e levemente distanciado que a faz assemelhar-se aos abolicionistas brancos, a uma verdadeira "sinhazinha", e não aos negros conscientes de sua luta.

Cabe destacar, ainda, que a versão exibida pela Rede Record, apesar de 27 anos de distância daquela produzida pela TV Globo, não apresentou nenhuma inovação significativa no que tange o tratamento das personagens negras ou mesmo no que diz respeito à configuração da protagonista 'Isaura'. Com algumas diferenças na condução da trama e no desfecho, "A escrava Isaura", de Tiago Santiago, caminhou de forma semelhante à versão de Gilberto Braga, perpetuando as imagens do negro sem consciência de sua condição e do branco generoso.

Somente 20 anos após a primeira versão de "Escrava Isaura", surgiria a primeira protagonista negra da teledramaturgia brasileira. De 17 de setembro de 1996 a 11 de agosto de 1997, a Rede Manchete exhibe, de forma pioneira, a novela "Xica da Silva", escrita por Walcyr Carrasco (sob o pseudônimo Adamo Angel) e dirigida por Walter Avancini.

No enredo, a história de 'Xica da Silva', interpretada por Taís Araújo, uma escrava inteligente e sedutora que conquista o contratador de diamantes enviado pelo Reino de Portugal e é comprada e alforriada por ele. Na tentativa de transformar 'Xica' em fidalga, o contratador escandaliza todo o arraial e provoca a ira de diversos inimigos. A história se passa no de 1751, época em que a Coroa portuguesa dominava a economia brasileira e pouco se falava em liberdade para os negros. Mesmo assim, a complexidade da personagem 'Xica' e o fato de se tratar de uma negra consciente de sua raça e capaz de enfrentar de forma intrépida seus inimigos preconceituosos fazem

desta telenovela um marco das produções que almejaram retratar o período da escravidão no Brasil.

Não obstante, como analisou Esther Hambúrguer, em artigo para a Folha de S.Paulo (18 nov. 1996, Ilustrada, p.4), a Rede Manchete priorizou a sensualidade da atriz Taís Araújo em detrimento de uma campanha mais ousada em torno da negritude, das lutas e dos quilombos. Aliás, a participação de Taís Araújo em tramas importantes para esta pesquisa se estende a “Da cor do pecado”, que será estudada mais adiante.

Por certo existe uma justificativa histórica ao destinar ao ator negro a personagem cativa em trama histórico-escravocrata. Inevitavelmente, caberá a ele um papel social subalterno sempre que a ficção seriada utilizar o Brasil escravagista como pano de fundo. A nossa indagação abrange a configuração desta personagem, a forma como ela é desenhada em sua suposta passividade, ingenuidade ou inconsciência. Conforme Joel Zito Araújo (2006b), são dispensáveis as ficções que insistem em retratar o período da escravidão narrando exclusivamente a trajetória de “heróis brancos”; a teledramaturgia brasileira precisa rever as tramas histórico-abolicionistas na maneira como constroem suas personagens principais. Com base na necessidade de recontar essa fase da nossa história, torna-se imprescindível adotar uma postura distinta, valorizando os nossos “heróis negros” e construindo-os como eles de fato são: personagens complexas e importantes para a história do País.

Domésticas, motoristas, seguranças e mais o quê?

Iniciamos com uma pergunta: por que encontramos, de forma recorrente, o negro no papel de empregada doméstica, trabalhador braçal, mordomo, motorista etc. quando fora das telas a sociedade é farta em exemplos de negros e negras ocupando cargos de prestígio e poder?

As telenovelas são um planeta branco, aqui e ali salpicado de pretos _o chofer, a cozinheira, o policial... Realistas no sentido em que são essas de fato as profissões comuns dos negros reais, mas falsificados no sentido em que eles não têm família, não têm idéias nem sentimentos, salvo os dos patrões: são coisas, apêndices, e não pessoas. (RUFINO DOS SANTOS, 1988, p.34)

A insistente representação do negro em papéis subalternos e serviçais reforça a idéia de sua inferioridade intelectual, desvinculando-o das posições de poder dentro da sociedade brasileira. Assim, a telenovela acaba por reforçar a ideologia do embranquecimento ao reiterar diariamente que o bem-sucedido, o patrão ou o herói é branco. As personagens interessantes da trama, aquelas que comandam a ação e polarizam a atenção da audiência, são geralmente brancas. O que sobra a atores negros? Representações estereotipadas e sem complexidade de setores sociais pouco atrativos da sociedade.

Esta exclusão não se explica só pelos argumentos (sociológicos) de que os negros não têm a mesma distribuição que os brancos na pirâmide sócio-econômica, mas também por razões decorrentes da estratégia (semiológica) da cultura dominante, que se defende do sistema cultural negro. (SODRÉ, 1980, s/p)

Segundo Sodré (1992),   possível verificar que os excluídos quando são incorporados pelos meios de comunica o entram na categoriza o do grotesco. Assim como, para ele, a ideologia do embranquecimento foi uma passagem do racismo de domina o ao de exclusão. E mais: Sodré toca em uma questão pertinente, ele questiona a telenovela por frequentemente utilizar-se de negros para retratar o bandido ou o cidadão   margem das regras sociais, perpetuando, desta forma, a identidade negra como negativa.

A insistente utiliza o de atores negros para representar o bandido, o favelado ou excluído da ordem social não pode significar uma demanda pura e simples da realidade. Afinal, a telenovela   um produto ficcional que pode fugir às regras do real para tornar-se atrativa. Segundo Edimilson Pereira e Núbia Gomes (2001), o modo com os negros têm sido representados indica sua inclusão parcial numa ordem projetada por grupos hegemônicos, além de reafirmar no imaginário coletivo a associa o do negro como perigoso, como culpado *a priori*.

Cabe ressaltar, no entanto, algumas ocasiões nas quais houve a intenc o de retratar o negro em papéis da classe média. O exemplo mais antigo   a interpreta o de Milton Gonçalves como o psiquiatra ‘doutor Percival Garcia’, na novela ‘‘Pecado capital’’, de Janete Clair, exibida de 24 de novembro de 1975 a cinco de julho de 1976. Conforme sinopse da novela, a personagem teria o seguinte perfil:

(...) psiquiatra com vários cursos na Europa, onde participa de congressos médicos como representante brasileiro. Desenvolvendo novos métodos de tratamento, inicia as consultas com Vilma pouco depois de ela receber alta no hospital e estende seu atendimento a toda família, num trabalho de grupo. É a tentativa de equilíbrio. (ARAÚJO, 2004, p.118)

Entretanto, apesar da inovação, o psiquiatra era uma personagem “plana”, secundária para o andamento da trama. No mais, a tentativa da autora de “engatar” um romance entre ‘doutor Percival’ e ‘Vitória’ (Tereza Amayo), uma mulher branca, não se concretizou por conta de uma “enxurrada” de cartas do público e pressão por parte da censura. Em sua segunda versão, exibida de cinco de outubro de 1998 a sete de maio de 1999, escrita por Glória Perez, “Pecado capital” contou com Antônio Pompeo interpretando ‘doutor Percival’, sem maiores destaques para a personagem.

Mas ‘Dr. Percival’ não foi exceção. Em outras produções também foi possível encontrar atores e atrizes negros interpretando papéis de classe média. Citamos o fotógrafo ‘Bruno Carvalho’ (Sérgio Menezes) e ‘Zaira’ (Janaína Lins) da novela “Celebridade”², o executivo ‘Felipe’ (Rocco Pitanga) de “Da cor do pecado”³ e a médica ‘Selma’ (Elisa Lucinda) de “Páginas da vida”⁴, entre outros exemplos. Observamos que cada vez mais cresce o número de personagens negras de classe média nas telenovelas brasileiras, entretanto, ainda podemos afirmar que a maioria delas é configurada de forma plana, é secundária ao encaminhamento da trama e, por vezes, descartável.

O racismo na telenovela: por onde caminha a discussão?

Conforme Renata Pallottini (1998), numa telenovela podem existir conflitos de natureza definitiva (aqueles pertinentes aos protagonistas) e conflitos de natureza provisória (solucionáveis em alguns capítulos). Ao analisarmos a trajetória das personagens negras na telenovela brasileira, fica claro que a questão do racismo, nas poucas oportunidades em que se deu sua abordagem, ganhou enfoque provisório na trama. Podemos afirmar, desta forma, que os conflitos raciais não fizeram parte da

² “Celebridade” foi exibida de 13 de outubro de 2003 a 26 de junho de 2004, na Rede Globo às 21 horas. Foi escrita por Gilberto Braga.

³ Analisada com mais detalhes adiante.

⁴ Analisada com mais detalhes adiante.

espinha dorsal da teledramaturgia brasileira, sendo quase sempre tratados de forma superficial.

Concordamos com a crítica de Solange Couceiro (1983), feita a respeito da insistência das telenovelas brasileiras em reafirmar o Brasil como um território livre de preconceitos raciais e, assim, difundir a crença na democracia racial. De um modo geral, nossa teledramaturgia tem preterido as questões raciais, apesar de combater outras formas de conservadorismo, como o machismo ou a homofobia, por exemplo. O racismo somente viria a ser tematizado nas telenovelas a partir da década de 1980, embora o fosse com caráter de conflito provisório. Entretanto, apenas nas teleficções dos anos 1990, ele deixaria de vincular-se ao vilão sádico e louco, ganhando a esfera do cotidiano, do familiar.

Uma das primeiras produções a discutir o racismo inserido em um núcleo romântico composto por casal inter-racial foi “Corpo a corpo”, de Gilberto Braga, levada ao ar pela Rede Globo de 26 de novembro de 1984 a 21 de junho de 1985. Zezé Motta encarnava a arquiteta e paisagista ‘Sônia Nascimento Rangel’, uma perfeita “dama das camélias” por sua resignação. Marcos Paulo vivia ‘Cláudio Fraga Dantas’, o herdeiro de uma rica família. No desenvolvimento do “dramalhão”, o casal enfrenta uma série de adversidades para ficar juntos, no entanto, a maior delas estava justamente do lado de fora da tela: a reação dividida do público em relação ao amor dos dois.

O ator Marcos Paulo declarou que a sua secretária eletrônica ficou congestionada por recados racistas e impublicáveis, Zezé Motta sentiu o preconceito de forma inversa; as pessoas que a assediavam nas ruas diziam que ela era “uma sortuda por ter fígado aquele gatão branco” (...). (ARAÚJO, 2004, p.249)

Vale observar que tanto em “Corpo a corpo”, como em outras produções, as falas racistas limitaram-se aos vilões como recursos dramáticos para marcar a maldade ou a arrogância das personagens elitistas. Por isso, torna-se interessante destacarmos as novelas “Anjo mau” (segunda versão), “Por amor” e “Páginas da vida”, pois nessas tramas o racismo surge dentro do núcleo familiar. Em seguida, discutiremos “Da cor do pecado” e “Duas caras” como exemplos de ficções nas quais o racismo é discutido na seara das personagens protagonistas, em outras palavras, como conflito de natureza definitiva.

A segunda versão de “Anjo mau” foi ao ar às 18 horas, de oito de setembro de

1997 a 27 de março de 1998, escrita por Maria Adelaide Amaral. Em sua história, um núcleo negro que gira em torno do drama do de ‘Cida’ (Léa Garcia) que omite ser a mãe de ‘Tereza’ (Luísa Brunet) para preservá-la e garantir-lhe um bom casamento. A negação da identidade negra da personagem ‘Tereza’ entra em confronto com o orgulho racial por parte da filha adotiva de ‘Cida’, ‘Vivian’ (Taís Araújo), gerando embates e diálogos interessantes sobre a perspectiva da afirmação do negro na sociedade.

Em “Por amor”, a discriminação racial também se manifesta na esfera do lar, por meio dos preconceitos e da violência física do marido branco (Paulo César Grande) que rejeita a gravidez de sua esposa negra, a artista plástica ‘Márcia’ (Maria Ceíça). A criança nasce com as características do pai, branca e com os cabelos claros e, por conta disso, é aceita. Desse modo, o conflito se esvaziou e a telenovela não cumpriu completamente seu papel de debater o racismo dentro dos relacionamentos amorosos inter-raciais. “Por amor” foi exibida na Rede Globo em horário nobre, de 13 de outubro de 1997 a 22 de maio de 1998, com texto de Manoel Carlos.

Outra telenovela a apresentar a discussão do racismo foi “Páginas da vida”, também de Manoel Carlos, exibida na Rede Globo, às 21 horas, de dez de julho de 2006 a dois de março de 2007. Nesta produção, encontramos a médica negra ‘Selma’ (Elisa Lucinda), casada com um homem branco mais jovem, ‘Lucas’ (Paulo César Grande), que atua como enfermeiro-chefe. Os conflitos se iniciam quando ‘Selma’ tem de conviver mais intensamente com sua enteada ‘Gabriela’ (Carolina Oliveira). A menina, que fora criada com a mãe e avós maternos, apresenta um discurso altamente racista e repudia o segundo casamento do pai com uma mulher negra. Com a morte da mãe de ‘Gabriela’, resta a jovem aprender a conviver com ‘Selma’, vencendo seus preconceitos.

As três telenovelas citadas acima se destacaram por retirar o racismo da esfera do vilão e colocá-lo no círculo do familiar e das relações de amor, amizade e parentesco e, neste sentido, significam um avanço para o tratamento da temática na História da Telenovela Brasileira. Entretanto, todas elas apresentam preconceito racial como conflito provisório, uma vez que está vinculado a personagens secundárias e, portanto, com espaço de discussão restrito. Analisaremos agora teleficções nas quais o conflito racista teve natureza definitiva, pois envolveu personagens protagonistas.

“Da cor do pecado” foi exibida pela Rede Globo de 26 de janeiro a 28 de agosto de 2004, às 19 horas, e teve autoria de João Emanuel Carneiro, com supervisão

de Sílvio de Abreu. Esta telenovela foi a primeira produção global a contar com uma protagonista negra, a atriz Taís Araújo. E mais: não se tratava de uma ficção histórico-abolicionista, na qual houvesse uma demanda natural por atores negros, e sim de uma novela deste século, com personagens encontradas no cotidiano.

Taís Araújo deu vida à feirante maranhense ‘Preta’, que traz no próprio nome o orgulho de sua raça. ‘Preta’ desperta a paixão do botânico carioca ‘Paco’ (Reynaldo Gianecchini), herdeiro de uma grande fortuna. Para viver sua história de amor, o casal terá de superar as investidas das personagens de Giovanna Antonelli, ‘Bárbara’, que faz a noiva do galã, e do preconceituoso ‘doutor Afonso’, pai de ‘Paco’, interpretado por Lima Duarte.

Entretanto, ao contrário do que ocorreu em “Corpo a corpo”, exibida 20 anos antes, não houve rejeição do público ao romance de ‘Preta’ e ‘Paco’. “Da cor do pecado” revelou-se um grande sucesso, especialmente por cenas protagonizadas por Lima Duarte e Sérgio Malheiros, nas quais avô e neto estabeleciam uma amizade que ia além das diferenças raciais e sociais.

Se “Da cor do pecado” apresentou a primeira protagonista negra na história das produções globais, coube a “Duas caras” ser pioneira ao trazer um protagonista negro para o horário nobre. “Duas caras” tem texto de Aguinaldo Silva e é exibida pela Rede Globo às 21 horas, a partir de 1º de outubro de 2007⁵. Na trama, Lázaro Ramos encarna ‘Evilásio Caó’, jovem de 27 anos, morador da Favela da Portelinha, funcionário da Associação de Moradores da Favela e braço direito do chefe local, ‘Juvenal Antena’ (Antônio Fagundes).

Os conflitos raciais porque passa ‘Evilásio’ surgem quando ele se envolve com ‘Júlia’ (Débora Falabella), uma jovem branca e milionária. O relacionamento dos dois é descrito por Aguinaldo Silva na sinopse original da trama como:

(...) um Romeu e Julieta com algumas complicações mais incontornáveis que a desavença familiar da história original, pois no nosso caso Evilásio é negro, favelado e de poucas letras e Júlia branca, muitíssimo bem educada e nascida numa família de nome e muitas posses. (SINOPSE, 2007, p.71)

‘Evilásio’ e ‘Júlia’ enfrentam preconceitos sociais e raciais, encarnados principalmente no pai da jovem, o advogado ‘Barreto’ (Stênio Garcia). ‘Barreto’

⁵ Conforme notícias da imprensa especializada a data prevista para o desfecho da trama é 16 de maio de 2008.

repudia o namoro da filha com um rapaz negro e favelado e chega a expulsar 'Júlia' de casa ao saber de sua gravidez. Com o nascimento prematuro do bebê, entretanto, 'Barreto' se compadece e doa seu sangue para salvar o neto, vencendo definitivamente seus preconceitos.

O recurso da doação de sangue, entretanto, além de tornar superficial uma questão indubitavelmente complexa como a luta pelo fim do racismo, ainda é expediente repetitivo na teledramaturgia brasileira. Em "Corpo a corpo", trama já citada, 'Sônia' doa seu sangue para salvar a vida do sogro preconceituoso, assim como em "Sete pecados"⁶ o rapaz negro 'Sandro' (Darlan Cunha) doa seu sangue à bibliotecária racista 'Maura' (Maria Regina) e só depois disso consegue a aprovação para namorar sua sobrinha.

"Duas caras" apresenta outros momentos de discussão do racismo. Neste mesmo núcleo, na família Barreto, o jovem advogado 'Barretinho' (Duda Azevedo) apaixonou-se pela negra 'Sabrina' (Cris Vianna), a copeira da casa. No princípio da telenovela, porém, os dois protagonizam cenas nas quais 'Barretinho' se utiliza de um discurso machista que encarnava conceitos ainda presentes no imaginário do povo brasileiro de que a empregada doméstica deve servir aos patrões em todos os sentidos, inclusive em favores sexuais _como antes o fazia a escrava. A personagem 'Sabrina', por sua vez, o repudia no discurso, mas todo seu gestual e reações sinalizam que ela se interessava pelas cantadas do filho do patrão.

O relacionamento dos dois deixa a seara da sexualidade e ganha ares de afetividade com cerca de cinco meses de telenovela. Então, em mais uma oportunidade, 'Barreto' tem de vencer seus preconceitos e ir pedir a mão de 'Sabrina' em nome de seu filho que, recuperando-se de uma tentativa de suicídio, ameaça atentar contra a própria vida novamente se não tiver a ex-doméstica como noiva.

Neste caso, vale destacar que ambas as personagens, 'Sabrina' e 'Barretinho', mudaram de comportamento ao longo da trama. Ele era um *bon vivant* incorrigível, irresponsável e preguiçoso e só se interessava por 'Sabrina' por sua beleza e por ser resistente às suas insinuações. Já 'Sabrina', que até certo ponto da trama não apresenta nenhum dado racista, rejeita o jovem advogado alegando o fato dele ser branco, num

⁶ Telenovela exibida na Rede Globo, no horário das 19 horas, de 18 de junho de 2007 a 15 de fevereiro de 2008. Esta telenovela está melhor analisada no artigo "A invisibilidade do negro na telenovela "Sete pecados"" de Danubia Andrade, 2007.

legítimo racismo de negro contra o branco. Para conquistar ‘Sabrina’, provando seu amor, ‘Barretinho’ se submete a sessão de bronzeamento artificial na tentativa vã de ficar negro.

Outra abordagem do racismo em “Duas caras” diz respeito ao uso da Lei Afonso Arinos⁷ como forma de proteção do negro contra o crime de racismo. Tratou-se de uma denúncia feita por um universitário negro, o líder estudantil ‘Rudolf Stenzel’ (Diogo Almeida) contra um professor e reitor de uma universidade particular. Em sala de aula, ao fazer a chamada e constatar novamente a ausência de ‘Rudolf’, o professor o chama de zumbi, referindo-se ao morto-vivo. ‘Rudolf’ aproveita a confusão gerada pelo emprego da palavra “zumbi” e acusa o reitor por crime de racismo na intenção de desarticulá-lo e tirá-lo da direção da universidade. Entretanto, em alguns capítulos a situação é esclarecida e a queixa arquivada.

Últimas Considerações

Buscamos traçar uma análise que desse conta das múltiplas fases e faces das personagens negras na História da Telenovela Brasileira, focalizando não apenas os momentos nos quais coube ao ator negro os papéis secundários e estereotipados, bem com as oportunidades de discussão do racismo e construção de personagens interessantes para a afirmação da negritude em nosso País.

Acreditamos que protagonistas como ‘Preta’ e ‘Evilásio Caó’ operam na construção de uma rede de significados positivos para o negro que podem auxiliar na afirmação da identidade negra brasileira. Bem como os momentos férteis de discussão do racismo atestam o longo percurso que deve ser percorrido por toda a sociedade em busca de tempos mais justos.

Referências bibliográficas

⁷ Lei Nº 1.390 de 3 de julho de 1951, que inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor. Cabe destacar a Lei Caó, Nº 7.437, de 20 de dezembro de 1985, que dá nova redação a Lei Afonso Arinos, incluindo dentre as contravenções penais, além da prática de atos resultantes de preconceito de raça ou de cor, preconceitos de sexo e estado civil.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**. O negro na telenovela brasileira. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

_____. A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. Revista USP. **Racismo II**. São Paulo, n.69, p. 72-79, março/maio. 2006 a.

_____. **Entrevista**. Entrevista a Danúbia Andrade. Rio de Janeiro: 11 ago. 2006 b.

COUCEIRO DE LIMA, Solange M. **O negro na televisão de São Paulo**: um estudo de relações raciais. São Paulo, FFLCH/USP, 1983.

_____. ...até canibal vira vegetariano. **Revista USP**. Racismo II. São Paulo, n.69, p. 44-59, março/maio 2006.

DICIONÁRIO da TV Globo, v.1: programas de dramaturgia & entretenimento / Projeto Memória das Organizações Globo. _ Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999

_____. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

_____. Quem precisa da identidade? *In*: **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p.103-133.

HAMBURGUER, Ester. ‘Xica da Silva’ não valoriza debate da negritude. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 18 nov. 1996, Ilustrada, p.4.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **As telenovelas da Globo**: produção e exportação. São Paulo: Summus, 1988.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela**: história e produção. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem**: exclusão e violência nos discursos da cultura brasileira. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUC Minas, 2001.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Invisibilidade e racismo**. Revista Intercâmbio. SESC, v. 1, n. 1, p. 31-36, jan.abr. 1988.

SODRÉ, Muniz. O negro no mass-media. **Anais do primeiro colóquio de semiótica**. Rio/São Paulo: Puc/RJ – Edições Loyola, 1980.

_____. **O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

_____. **Claros e escuros**. Identidade, povo e mídia no Brasil. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VANNUCHI, Camilo; MELO, Liana; DUARTE, Sara. Cheios de raça. **IstoÉ**. São Paulo, n. 1789, p. 56-61, 21 jan. 2004.